

**BETAR
& ARTES
& LETRAS**

#127 | FEVEREIRO | 2021

fantasporto

O Festival Internacional de Cinema
do Porto volta ao Rivoli

B
Betar

B Desde 1973 na vanguarda da engenharia



Ponte de Caia Moçambique

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



A cultura está, uma vez mais, refém da necessidade de confinamento. Voltámos a ter de fechar as portas das salas de espetáculos e mandar os artistas (que podem) para o online. À data em que se fecha esta edição, não sabemos se os espetáculos programados para o final de Fevereiro vão acontecer. Resta-nos acreditar que tudo vai voltar a melhorar... resta-nos divulgar os eventos que decidiram manter-se “de pé”, firmes, acentos na vontade de voltar ao trabalho, ao seu público, o mais depressa possível... Assim, destacamos a mostra “Pé D’orelha”, no Museu Bordalo Pinheiro, com obras de Rafael Bordalo Pinheiro e Querubim Lapa; a peça “Perfeitos Desconhecidos”, no Teatro Maria Matos, com encenação de Pedro Penim; os concertos “Real Fado”, na Embaixada Príncipe Real, e “Albion – Do Impressionismo à Modernidade”, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, no Teatro Thalia. E no cinema, destaque para o Fantasporto - Festival Internacional de Cinema do Porto, no Rivoli.

Enquanto durar o confinamento, haverá sempre eventos online a que podemos assistir a partir do conforto e segurança das nossas casas. Eis algumas propostas: curso de desenho online, oferecido pelo Museu do Chiado, orientado pelo artista e professor Nelson Ferreira, no YouTube; espetáculo “Laboratório – O Primeiro Dia” com transmissão no site Ticketline Live Stage; e “Poemas para estes dias” em agendalx.pt.

A entrevista desta edição é com a arquiteta Mariana Barbosa Mateus, a quem agradecemos a disponibilidade de nos contar um pouco do seu percurso profissional.

BETAR

O principal desafio do projeto de reabilitação do Colégio da Trindade consistiu na definição das estruturas necessárias à formação dos planos de cobertura



Nos finais dos anos 80, parte do edifício do Colégio da Trindade desabou devido à degradação das suas paredes mestras em alvenaria de pedra. O projeto de reconstrução, para a instalação da Casa da Jurisprudência da Universidade de Coimbra, teve o seu primeiro ímpeto em 2003, com a instalação da contenção de fachada, para estabilizar o edifício. Já em 2012, o principal desafio do trabalho estrutural, para complementar ao projeto até então desenvolvido, consistiu na definição das estruturas necessárias à formação dos planos de cobertura. Algumas das estruturas existentes foram recuperadas, tanto na sua constituição, como na sua função, nomeadamente os pilares e arcos do Claustro e praticamente toda a estrutura recente em betão armado da Igreja. A estrutura enterrada, constituída por muros, pilares, paredes, vigas e lajes, foi executada em betão armado.

Reabilitação do Colégio da Trindade, Coimbra, Portugal

Arquitetura:
Aires Mateus e Associados
Cliente: Universidade de Coimbra
Âmbito: Fundações e estruturas (coautoria c/ Prof. Aníbal Costa), redes de drenagem e abastecimento de águas
Área: 4093m²
Projeto: 2007-2012
Construção: 2014-2017

À CONVERSA COM

Arq. Mariana Barbosa Mateus

“Somos um país de referência na arquitetura contemporânea, exportamos imensos jovens arquitetos talentosos porque não os conseguimos absorver cá. Algumas ambições para a profissão: espero que seja mais valorizada e respeitada”



ARQ. MARIANA BARBOSA MATEUS

Porque escolheu arquitetura?

O meu pai foi desenhador quando eu era pequena e trabalhava bastantes serões em casa, por isso cresci a ver muitos desenhos de arquitetura. Adorava aquele universo do estirador e régua T, e tenho a certeza que isto acabou por influenciar a minha escolha. Lembro-me também que a arquitetura contemporânea portuguesa se tornou muito mediática quando estava ainda no liceu. Primeiro com a Expo 98, em 99 inaugurava Serralves e a Casa da Música no Porto. Eu entrei na faculdade por essa altura e tenho a certeza que a experiência de ter visitado estes edifícios sedimentou a escolha de ser arquiteta.

Colaborou no atelier Aires Mateus e depois esteve vários anos em Londres. Fale-nos um pouco do seu percurso.

Estudei na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, estagiei com o atelier Matos Gameiro e depois trabalhei 5 anos com o Arq.o Manuel Aires Mateus. Foi uma ótima experiência e um intervalo de tempo suficiente para colaborar em projetos do princípio ao fim, por isso aprendi imenso. Em 2011 mudei-me para Londres onde trabalhei com os Sergison Bates e óa architects, neste último tornei-me associada. Em 2017, achei que era uma boa altura para trabalhar a solo e regressar a Lisboa.

Quais as principais diferenças que encontra, na forma de trabalhar, entre o Reino Unido e Portugal?

O modus operandi é bastante diferente, é uma questão cultural, que se nota em

qualquer indústria, não só em arquitetura. No entanto eu diria que os escritórios onde trabalhei tinham uma visão muito aberta e europeia, talvez sejam atípicos no contexto Londrino. Em ambos os escritórios onde trabalhei os diretores lecionavam na Suíça e o ambiente era muito internacional. Em escala e organização, não senti diferenças flagrantes. Os pontos positivos são sem dúvida o enorme pragmatismo que têm em relação ao tempo e organização. A profissão de arquiteto é também mais valorizada. Os pontos menos positivos relacionam-se com alguma falta de frontalidade na comunicação e, por ser um contexto muito competitivo, todos se salvaguardam da melhor maneira possível, o que torna os processos de trabalho mais rígidos. Aqui também importa referir que é comum na indústria da arquitetura e construção resolver judicialmente qualquer divergência entre as partes. Este peso de se poder ser processado, por um lado responsabiliza os técnicos, por outro pode ser um constrangimento no processo criativo.

Consegue descrever o seu estilo arquitetónico e quais influências que não dispensa?

Acredito que cada projeto deva ser diferente do outro porque resulta do lugar, do seu contexto social, do cliente, do budget disponível. Todas estas condicionantes criam oportunidades. Para mim, nesta fase da carreira, seria redutor ter um "estilo". Ter uma linguagem específica poderia afunilar escolhas de projeto. Quanto a influências,



Projeto residencial em Monte Estoril

penso ser imprescindível à prática da arquitetura investigar o que os outros já fizeram no passado, da arquitetura vernacular à mais erudita.

Em que áreas tem tido mais trabalho ultimamente? O que é que está a desenvolver no momento?

Temos trabalhado sobretudo em Habitação, projetos de diferentes escalas e em localizações muito distintas. Temos um projeto em obra no centro histórico de Cascais, um palacete dividido em 4 apartamentos e não muito longe, no Monte Estoril, outra casa que se divide também em apartamentos. Em Lisboa, estamos a desenvolver escalas maiores e mais compactas – na Palma de Baixo uma residência para estudantes e em Marvila um edifício de 4 pisos com 25 apartamentos. Fora da Grande Lisboa, estamos a trabalhar numa casa em Melides e em 2 projetos turísticos em Alvor.

A pandemia afetou muito o seu trabalho?

Felizmente não diminuiu o volume de trabalho, afetou sim a forma de trabalhar. Desde Março que estamos praticamente em teletrabalho. É possível mas não é o ideal. É importante trabalhar lado a lado

com os colegas e reunir pessoalmente com clientes e equipa alargada de projeto. O nosso trabalho é tátil, temos de ver amostras, fazer maquetes, desenhar. Não temos de estar presentes todos os dias nem em todas as circunstâncias mas têm de haver pontos de contato. Penso que o futuro será assim, mesmo finda a pandemia, uma mistura de trabalho presencial e remoto.

E qual a visão para o futuro?

Algumas ambições para a profissão de arquiteto: espero que seja mais valorizada e respeitada. Somos um país de referência na arquitetura contemporânea, com dois prémios Pritzker (Álvaro Siza em 1992 e Eduardo Souto Moura 2011), exportamos imensos jovens arquitetos talentosos porque não os conseguimos absorver cá. No entanto é difícil conseguir honorários justos para o trabalho do arquiteto. A Ordem dos Arquitetos não tem tido um papel particularmente ativo neste e noutros temas que fragilizam a profissão. O Arq.o Gonçalo Byrne é o presidente da Ordem desde o passado verão e abraçou a causa com premissas bastante assertivas, estou convicta que ajudará a classe durante o seu mandato.

SUGESTÕES

ARTES



Pé D'orelha

Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) e Querubim Lapa (1925-2016) são os protagonistas desta mostra, que coloca em diálogo a obra de dois artistas que nunca chegaram a cruzar-se no tempo. Entre a morte de um e o nascimento do outro passaram 20 anos, mas Querubim conheceu muito bem Bordalo através do seu vasto legado artístico. Do olhar do mais novo sobre a obra do mais velho surgiu a admiração e a identificação, o que deu início a um diálogo privado que se manteve ao longo da carreira artística de Querubim Lapa. Esta exposição é composta por cerca de 170 obras dos dois artistas, algumas delas inéditas.

ATÉ 28 DE FEVEREIRO

Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa

TEATRO

Perfeitos Desconhecidos

“Perfeitos Desconhecidos” é um grande sucesso de palco e foi também adaptado ao cinema. Um grupo de amigos de longa data organiza um jantar. A anfitriã propõe um jogo: cada um deixa o telemóvel sobre a mesa e cada mensagem ou chamada que chega é lida e ouvida por todos, afinal entre amigos não há segredos. Jogamos? Alguém tem algo a esconder? A partir deste momento as surpresas e reviravoltas sucedem-se em espiral. Alternando entre o drama e a comédia, os segredos de cada um serão revelados. E no final da noite nada será como dantes e os amigos descobrem que são, afinal, perfeitos desconhecidos.

DE 17 DE FEVEREIRO A 28 DE MARÇO



Teatro Maria Matos
Encenação Pedro Penim
Interpretação Ana Guiomar, Cláudia Semedo, Filipe Vargas, Jorge Mourato, Martinho Silva, Samuel Alves, Sara Barradas

A cultura está, uma vez mais, refém da necessidade de confinamento. À data em que se fecha esta edição, não sabemos se os espetáculos programados para o final de Fevereiro vão acontecer. Resta-nos acreditar...

CONCERTO

Orq. Metropolitana de Lisboa

“Albion – Do Impressionismo à Modernidade” com solista Jian Hong e maestro Pedro Neves, apresentará o concerto para violoncelo de Frederick Delius, referência da música inglesa de finais do sec.XIX e início do sec.XX. Depois, a estreia do mais recente trabalho de Christopher Bochmann, compositor que reside em Portugal há mais de 40 anos.

DIA 27 DE FEVEREIRO

Teatro Thália, Lisboa



FESTIVAL



Fantasporto

O Fantasporto - Festival Internacional de Cinema do Porto - agora a caminho da sua 41ª edição, mantém o lema “Fantas goes global”. O crescimento mediático a nível mundial tem sido notável. Em 2021, o Fantasporto será novamente uma Festa para o Cinema que leva o nome do Porto a todos os cantos do Mundo. O filme de abertura desta edição será “Morte em Veneza”, de Luchino Visconti, por ocasião dos 50 anos da sua produção, e o filme escolhido para o encerramento foi “Terra de Ninguém”, de Conor Allyn.

23 DE FEVEREIRO A 7 DE MARÇO

Teatro Rivoli, Porto

ONLINE



Curso de Desenho Online

Enquanto estivermos em confinamento, o MNAC dará aulas gratuitas de desenho. Destinado a famílias, este breve curso será orientado por Nelson Ferreira, pintor, desenhador e professor de arte em Londres, com vasta experiência tutorial em universidades em Portugal e Inglaterra. Os principiantes vão poder aprender a desenhar de uma forma divertida. Para assistir basta subscrever os canais de comunicação do museu. As aulas que já aconteceram estão disponíveis no YouTube: Nelson Ferreira - aulas de arte - pintura e desenho.

TODOS OS SÁBADOS DE FEVEREIRO, ÀS 11H

[YouTube/museuartecontemporanea.gov.pt](https://www.youtube.com/museuartecontemporanea.gov.pt)

Laboratório – O Primeiro Dia

Este é um espetáculo que homenageia as artes do circo, a música, o teatro e toda a nossa cultura. Neste espetáculo, a história de um amor que nunca se esquece. Os ecos dão lugar à ação, o vazio é espaço aberto. O corpo move-se, expande-se, cresce, está presente. O evento terá transmissão exclusiva online e é possível adquirir os acessos no site da Ticketline.

Com: Bruno Miguel Rosa, Dima Pavlenco, Guilena Bondar, João Pataco, Miguel Tira-Picos, Mónica Alves, Ricardo Lérias

DIA 28 DE FEVEREIRO ÀS 23H50

[Ticketline Live Stage](https://www.ticketline.pt)



Poemas para estes dias

“Poemas para estes dias” chega com urgência. Surge para deixar poemas para quando precisarmos deles, aparece quando o mundo nos parecer meio avariado, para podermos acreditar no que queremos. A poesia chega como um sonho e ficará enquanto fizer sentido. Vamos acionar os sentidos para receber estes poemas-vídeo, onde e quando quisermos.

ATÉ 28 DE FEVEREIRO

[Poesia em Streaming em agendalx.pt](https://www.agendalx.pt)

PARA LER

Bornfree – O Mundo Rui Barbosa Batista

Este é um livro de crónicas que narra como o autor conheceu em viagem Muammar Kadhafi, tentou entrar no KGB, explorou o maior campo de refugiados do mundo, privou com povos guerreiros na Etiópia, esteve para morrer no Laos e ouviu histórias de descendentes de piratas portugueses nas Caraíbas. Este é o primeiro livro de um autor português que nos leva a mais de 50 países, não em formato de guia, mas antes de inspiradoras histórias de quem ama o imprevisível, tem paixão pelas pessoas e anda na estrada ao sabor do vento, sem preconceitos ou roteiro definido. As estimulantes histórias deste livro levam-nos a locais improváveis, os menos massificados no planeta: o autor convida-nos a ir aos destinos B, os menos óbvios, menos procurados e menos fáceis, logo mais desafiantes e, sobretudo, mais genuínos.



Lá, Onde o Vento Chora Delia Owens

Kya tem apenas 6 anos quando vê a mãe sair de casa, com uma mala azul e sapatos de pele de crocodilo, para nunca mais voltar. E à medida que todas as outras pessoas importantes na sua vida a vão igualmente abandonando, Kya aprende a ser autossuficiente: sensível e inteligente, sobrevive completamente sozinha no pantanal a que chama a sua casa, faz amizade com as gaivotas e observa a natureza que a rodeia com a atenção que lhe permite aprender muitas lições de vida. O isolamento em que vive durante tantos anos influencia o seu comportamento e torna-a alvo de críticas por parte dos habitantes da aldeia vizinha. Neste romance de estreia, Delia Owens relembra-nos que somos formatados para sempre pelas crianças que um dia fomos, e que estaremos sujeitos aos segredos que a natureza encerra.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

Ponte de Tete, Moçambique